

Artigos submetidos para revistas científicas têm determinadas características e percursos. Cada autor ou autora busca trazer seu argumento com base em suas pesquisas já concluídas ou com base nos ensaios teóricos que vem fazendo. No entanto, existe um processo que nem sempre é narrado, como diria Milton Santos (2006), mas está presente e se faz produto: o texto publicado. No livro *A invenção do cotidiano – artes do fazer*, de Michel de Certeau (1994), nos deparamos com uma apresentação de Luce Giard que narra como Certeau trabalhava e quais eram as suas incansáveis trilhas investigativas. Luce Giard era membro do “terceiro círculo” descrito por ela como sendo um grupo que compôs e partilhou grande parte da obra investigativa de Certeau. Na apresentação do livro *A invenção do cotidiano*, aprendemos uma grande lição: de que nada que fazemos é de forma isolada, principalmente o trabalho acadêmico investigativo. Assim que inicio esse editorial referindo-me aos círculos de trabalho que atuaram junto a Michel de Certeau, que apontam como, na sua obra publicada, as muitas mãos sistematizaram e analisaram práticas cotidianas. O estímulo era a inquietação de um pesquisador que conseguiu, com sua perspicácia e seu carisma, mobilizar em torno de si vários grupos de jovens pesquisadores de múltiplas nacionalidades. A obra de Certeau pode ser observada desde o prisma do(s) método(s) investigativo(s) que, no campo da pesquisa em Educação no Brasil, ainda tem um longo caminho pela frente.

Nesse número da Revista *Educação Unisinos* temos um artigo que analisa a fidedignidade da pesquisa qualitativa. A professora Clara Pereira Coutinho, da Universidade do Minho, objetiva sensibilizar investigadores na área das Ciências da Educação para a necessidade da adoção de critérios específicos para a aferição da qualidade científica dos estudos de natureza interpretativa. A autora defende a avaliação da qualidade científica de estudos qualitativos e, para isso, apresenta “estratégias de verificação” que, podem ajudar a garantir a credibilidade dos resultados obtidos e a qualidade científica dos estudos realizados. O artigo contribui com a área da Educação brasileira e pode auxiliar a construir critérios e bases para o método qualitativo.

No segundo artigo, encontramos a narrativa na formação de professoras e de pessoas que investigam esse

campo. Carla Helena Fernandes e Guilherme do Val Toledo Prado, da UNICAMP, dão continuidade ao tema “pesquisa qualitativa” por meio de um texto que mostra um estudo sobre a narrativa que se apresenta como uma metodologia produzida nos coletivos da escola, em entrevistas realizadas com as professoras e textos produzidos em diferentes gêneros. Narrar o vivido envolve rever concepções e práticas bem como o resgate de trajetórias pessoais e profissionais, o que se mostra fundamental para a formação profissional das professoras e dos pesquisadores. Nesse processo de formação em contexto, os encontros e diálogos entre estes profissionais, segundo os autores, têm propiciado reflexões que podem promover as transformações necessárias à construção de uma escola de qualidade e de outras formas de aproximação entre a escola e a universidade.

Jacira Reis da Silva e Lúcia Maria Vaz Peres, da Universidade Federal de Pelotas, entretecem questões sobre o imaginário de mulheres negras silenciadas num universo de símbolos e sentidos. As autoras apresentam, por meio de referenciais teóricos das representações sociais e dos estudos referentes ao campo do imaginário, depoimentos de quinze professoras negras com suas trajetórias escolares. O elemento simbólico agregador da interlocução entre os dois campos teóricos é a *Lenda do Barro Duro*. O artigo incentiva pesquisas em torno da diversidade e da complexidade do imaginário humano.

Temos um artigo que trata dos mecanismos do conselho escolar questionando sua democracia ou sua burocracia. As autoras Arilene Medeiros e Francisca de Fátima Oliveira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, problematizam o conselho escolar como instância representativa da multiplicidade de vozes no interior das escolas. Analisam o poder na micropolítica dos processos escolares.

A questão dos indicadores de aceitação e rejeição social num grupo de professores em formação identifica a face oculta do preconceito de autoria de Vantoir Roberto Brancher, Claudia Terra do Nascimento e Valeska Fortes de Oliveira, da Universidade Federal de Santa Maria. O artigo apresenta resultados de uma pesquisa com acadêmicas do curso de Pedagogia sobre fatores de aceitação e de rejeição e a negligência social na formação docente.

Faz uma interessante contribuição para o âmbito da formação de quem educa no que tange à tarefa de construir a crítica e a reflexão sobre a produção de estereótipos e de processos de exclusão.

Num artigo de cunho filosófico temos o texto de Paulo Rogério de Souza e José Joaquim Pereira Melo, da Universidade Estadual de Maringá, que analisa a busca do ser humano ideal na obra de Sófocles. Os autores analisam a obra de Sófocles como expressão do processo de mudança pelo qual passou a sociedade de sua época e evidenciam características educadoras da obra na expressão “justa-medida” e a manutenção de uma ordem social. Sem dúvida, uma leitura que compõe para o aprofundamento das bases filosóficas na área da Educação.

E, finalmente, o artigo de Ana Rita Queiroz Ferraz que é resultado da sua dissertação de mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia, nos provoca a pensar sobre o riso no cotidiano da universidade. A autora coloca o riso em diálogo com a sisudez dos poderes oficiais como possibilidade de construção de uma visão anticônica da Universidade. Esse é de fato um desafio que fica na atual pressão por produtividade acadêmica: imaginar um lugar de riso na academia.

A resenha de Danilo Streck aponta para a leitura de um livro ainda não publicado no Brasil de autoria de Peter McLaren e Nathalia Jaramillo, *Pedagogy and Praxis in the Age of Empire: Towards a New Humanism*, tratando do contexto histórico atual com base em fatos que indicam a hegemonia norte-americana transformada num

novo imperialismo. Apresenta a crise da esquerda educacional nos Estados Unidos, da pedagogia crítica e traz a importância da releitura de Marx e dos movimentos sociais como elementos potencializadores de transformação. Segundo a resenha de Streck, a obra desses autores pode ser entendida como uma atualização da *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. O contexto é distinto, são outros os atores, mas “a questão de fundo persiste: há seres humanos oprimidos por forças que aparentemente estão além de seu controle e que precisam ser nomeadas”. O livro faz parte da série *Transgressões: Estudos culturais e educação*, editada sob a responsabilidade de Shirley Steinberg e Joe Kinchenloe, ambos da McGill University, em Montreal.

Apresentamos, ainda, os resumos de dissertações e teses defendidas de julho a dezembro de 2007 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos e que estão disponibilizadas no portal da CAPES.

Gostaria ainda de chamar a atenção para a foto da capa de Emerson Machado, aluno da professora de foto jornalismo Jacqueline Joner, da Unisinos. Os emaranhados de braços e abraços de um tronco de uma árvore remetem ao que temos observado que é o campo de pesquisa e ensino da Educação. Observe você também e imagine, questione, sinta e reaja.

Desejamos uma boa leitura.

Edla Eggert
Editora